

## Quando o Centro é Itaquera: relatos de múltiplas Copas

Giancarlo Marques Carraro Machado

---



**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2403>

DOI: 10.4000/pontourbe.2403

ISSN: 1981-3341

**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

**Refêrencia eletrónica**

Giancarlo Marques Carraro Machado, « Quando o Centro é Itaquera: relatos de múltiplas Copas », *Ponto Urbe* [Online], 15 | 2014, posto online no dia 30 dezembro 2014, consultado o 04 maio 2019.

URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/2403> ; DOI : 10.4000/pontourbe.2403

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 4 Maio 2019.

© NAU

---

# Quando o Centro é Itaquera: relatos de múltiplas Copas

Giancarlo Marques Carraro Machado

---

## Apresentação

- 1 “Não vai ter Copa!”. O esbravejo exaltado de uma parcela da população tomou conta dos protestos contra a FIFA e os poderes públicos. “Copa para quem?”, um questionamento mais ponderável, mas não menos contestador, também figurou na indignação popular que colocou em xeque o legado do maior espetáculo futebolístico. Uma considerável parte do encanto da Copa do Mundo de Futebol se diluiu antes mesmo de seu começo. O futebol traz à tona uma série de questões que vão muito além das quatro linhas: gastos exacerbados, corrupção, especulação imobiliária, soberania nacional, articulações políticas etc.
- 2 O Núcleo de Antropologia Urbana (NAU), com a intenção de acompanhar os múltiplos processos que repercutiram a partir dos jogos da Copa do Mundo na cidade de São Paulo, mobilizou-se para fazer expedições etnográficas que contaram com a participação de inúmeros pesquisadores, os quais conjuntamente compartilharam das mesmas situações e produziram relatos construídos a partir de olhares distintos.
- 3 Com a Copa do Mundo em andamento, o Prof. Dr. José Guilherme Magnani propôs uma expedição à região de Itaquera, Zona Leste paulistana. Pesquisadores do NAU e discentes da disciplina “Dimensão Cultural das Práticas Urbanas” (PPGAS/USP) foram convidados a participar dessa atividade coletiva que percorreria três locais pré-selecionados, a saber: o estádio Itaquerão, o SESC Itaquera e a Ocupação “Copa do Povo”. Vislumbrou-se, com efeito, observar os impactos do megaevento em três lugares que, apesar de se situarem próximos, possuem diferenças que se expressam na produção de discursos, formas de sociabilidade e apropriações da cidade.
- 4 Este presente relato visa apresentar algumas considerações pessoais a partir da minha participação na mencionada expedição etnográfica, ocorrida no dia 14 de junho de 2014.

## A cidade e os seus tapumes

- 5 Estação Vila Madalena do metrô, 9 horas da manhã. Encontro Rodrigo Chiquetto, pesquisador do NAU, para irmos juntos à Zona Leste. Da linha verde para a linha amarela para, então, pegarmos a linha vermelha com destino à estação pretendida: Arthur Alvim. Não tenho familiaridade com todas as estações dessa linha, mas, com a realização da Copa do Mundo, percebi que era quase impossível ficar confuso quanto ao trajeto até Itaquera. Havia placas em vários locais que indicavam a melhor maneira de se chegar ao Itaquerão (também chamado de “Arena de São Paulo” para o evento da FIFA; de “Arena Corinthians” pelo time da casa; ou, de forma jocosa, de “Gambazão” pelos torcedores rivais). Em pleno sábado de manhã, ao contrário do que esperava, o trajeto de metrô foi realizado com certa tranquilidade em vagões relativamente novos, que acomodaram, ao menos no período em questão, os passageiros que iam em direção ao novo centro futebolístico paulistano.
- 6 Aproveitei o deslocamento para observar pelas janelas algumas transformações que a Copa do Mundo propiciou ao caminho entre a região central da cidade e a Zona Leste. Esse meu anseio foi frustrado por algo inesperado: vários tapumes foram colocados ao longo do trajeto entre certas estações, o que impedia a visualização da paisagem urbana. Tal fato me deixou intrigado e logo me fez pensar na construção de uma São Paulo “para turistas ver”, com a ocultação de determinados espaços degradados e com a visibilidade estratégica de espaços “maquiados” a partir do investimento de grandes empresas, como a Nike, Brahma, Coca-Cola, dentre outras. Quando já não se via mais tapumes, apareciam inúmeros prédios com enormes grafites alusivos à Copa. Nas janelas dos apartamentos situados nas bordas da linha férrea imperava o verde e amarelo das bandeiras do Brasil. À proporção que o metrô avançava, o clima do megaevento se tornava cada vez mais envolvente. Se em outras regiões da cidade manifestava-se certo rancor futebolístico, ao menos em direção à Zona Leste parecia que sim, “vai ter Copa!”.
- 7 Chegamos à estação Arthur Alvim com alguns minutos de atraso. Passamos pelas catracas e seguimos em direção ao terminal de ônibus, onde encontramos o Prof. Magnani e seus alunos e alunas da pós-graduação. Com o grupo formado – aproximadamente 20 pessoas – seguimos as placas que indicavam um setor do Estádio Itaquerão. O trajeto foi feito a pé e iniciou-se pelas calçadas da Radial Leste. Nos conjuntos habitacionais da região, novos grafites gigantescos coloriam a paisagem e contrastavam com o tom cinzento característico de outras construções e equipamentos. Passamos por baixo de um viaduto, caminhamos mais alguns metros e finalmente chegamos a um dos portões do estádio, que estava fechado. Não tivemos acesso a esse espaço, que estava sob o total controle da FIFA. Optamos em prosseguir o trajeto até a outra entrada do estádio, situada nas proximidades da estação Corinthians-Itaquera do metrô.
- 8 Enquanto caminhava, dois policiais militares perguntaram se o nosso grupo era composto por estrangeiros. Fiquei receoso com essa abordagem, tendo em vista o aumento da truculência policial que se estabelecera na cidade nos últimos tempos. Disse a eles que éramos estudantes da USP, e que no grupo havia alguns “gringos” (um alemão, uma argentina, uma cubana e uma chilena), além de pessoas oriundas de outras regiões do país. Contrariando o meu temor *a priori*, os policiais foram muito simpáticos, me deram panfletos com várias dicas sobre o estádio e a região, e ainda se colocaram disponíveis para eventuais orientações. Agradei a gentileza e lhes desejei um bom trabalho.

## Diante os portões fechados do Estádio Itaquerão

- 9 O fluxo de pessoas na estação Corinthians-Itaquera do metrô era mais intenso que o da estação Arthur Alvim. A partir de tal local foi possível chegar rapidamente ao estádio Itaquerão, o qual se impõe na paisagem em razão de sua magnitude. Apesar de ter sido a minha primeira visita à região, foi possível perceber que a construção do estádio trouxe uma série de melhorias – e também transtornos – para Itaquera, agora completamente transformada para receber os milhares de turistas presentes na cidade para acompanhar os jogos da Copa do Mundo.
- 10 O estádio tornou-se a principal atração turística da Zona Leste. Não aconteceu nenhum jogo no dia da realização da expedição etnográfica ora relatada, e, mesmo assim, encontrei muitas pessoas circulando pelo entorno com a intenção de ver o espaço que serviu como palco de abertura do megaevento. Camisetas verdes e amarelas, de seleções internacionais, de times brasileiros: Itaquera se rendeu ao futebol. Prossegui a caminhada rumo ao estádio com a expectativa de ver o seu interior. Observei duas evangélicas que distribuíam panfletos com mensagens religiosas. Vendedores ambulantes, que diziam ser credenciados, vendiam churrasquinhos, bebidas, picolés, salgadinhos. Os preços não eram exacerbados. Uma garrafa de água mineral, por exemplo, custava R\$2,00, valor mais em conta comparado ao cobrado em várias “padocas” da Zona Oeste.
- 11 Em frente aos portões do estádio (que estavam fechados) havia um considerável número de pessoas que se aglomeravam para tirar fotos. Elas se reuniam com bandeiras e artefatos alusivos à seleção de seus respectivos países. O grupo formado por colombianos era o mais expressivo e animado. Os presentes tiravam muitas fotos e entoavam cantos que comumente faziam nas arquibancadas. Pessoas de distintas nacionalidades também queriam tirar fotos com esses colombianos, que eram simpáticos e pacientemente posavam com todos. Em um dado momento observei a junção dos mesmos com chineses, nigerianos e brasileiros. No local também havia chilenos e uma mulher grega. Uma senhora idosa vestia vários acessórios com referência ao Corinthians, o “time da casa”. E, ao lado de um jovem, zombava dos estrangeiros e até mesmo dos brasileiros, e dizia repetidamente que “Aqui é Corinthians!”. A filiação clubística, nesse caso, superava a torcida pela seleção nacional.
- 12 O grupo de pesquisadores não permaneceu por muito tempo em frente ao estádio. Embora a ocupação espontânea por parte dos turistas, o local não oferecia muitos atrativos para quem o visitasse. Voltamos para a estação Corinthians-Itaquera, onde havia um túnel repleto de enfeites, mensagens e propagandas da Coca-Cola. Após descermos uma escada, atravessamos a Radial Leste e fomos para a estação de ônibus. Esse rápido percurso possibilitou-me ver diversas viaturas e policiais militares.
- 13 Já na estação pegamos um ônibus com direção ao SESC Itaquera. O trajeto ficou marcado por uma série de contrastes. Após visualizar toda beleza estratégica dos arredores do Itaquerão, adentramos por ruas com muitos comércios e moradias populares. Grafites em várias paredes enalteciam a realização da Copa do Mundo. Bandeiras brasileiras e corinthianas adornavam automóveis e casas de uma região onde a Copa do Mundo deixou o seu legado (para o bem ou para o mal). Chegamos ao SESC Itaquera depois de encarar o transporte público lotado.

## Dribles no SESC Itaquera

- 14 O percurso entre o metrô e o SESC Itaquera foi feito de modo relativamente simples, tendo em vista que o ônibus possui uma parada em frente ao destino pretendido. Regiane, funcionária da instituição, facilitou a entrada dos pesquisadores ao local. Após a equipe passar pela entrada (onde peguei a programação “SESC na Copa”), todos os presentes foram em direção a um espaço onde estava hospedada a exposição “Drible”.
- 15 O SESC Itaquera é a segunda maior unidade – em termos espaciais – da cidade de São Paulo, perdendo apenas para o SESC Interlagos, localizado na Zona Sul. Em razão de sua extensão, é comumente denominado de “unidade campestre” por ter algumas características que o distingue dos demais, como muitas árvores, lagos, gramados etc., o que propicia certo clima bucólico a tal lugar, assemelhando-se a um amplo parque. E por falar em parque, é importante mencionar que o SESC Itaquera possui o maior parque aquático da instituição, com piscinas que comportam simultaneamente milhares de pessoas.
- 16 Através de uma considerável caminhada foi possível avistar os vários tipos de espaços de lazer: parquinho infantil, sala de jogos, sala de internet, quadras de futebol, tênis, vôlei, dentre outros. Os espaços mais cheios eram as quadras, onde adolescentes e jovens praticavam seus esportes prediletos. Chegamos ao espaço da exposição e permanecemos durante um breve tempo do lado de fora, onde constavam algumas fotos e banners com referência ao futebol e a Copa do Mundo. Também havia um táxi amarelo – que fazia parte da exposição – com as portas abertas e som ligado. As pessoas entravam nele para ouvir histórias e causos do universo do futebol.
- 17 A exposição “Drible”, conforme informações de um jornal distribuído aos visitantes, pretendia “refletir sobre as características culturais que influenciam o jeito brasileiro de jogar futebol”. A sua cenografia apresentava imagens de grandes dribladores brasileiros, quadros, pôsteres, vídeos, e também reconstituía espaços de sociabilidade onde temas pertinentes ao futebol são debatidos, como um botequim e uma barbearia. Um dos espaços mais disputados eram os pebolins. Diversas crianças se reuniram em torno deles para jogar partidas acirradas. No instante em que presenciei tais partidas, constatei que uma garotinha vencia com facilidade todas as demais crianças oponentes.
- 18 Após conhecer a exposição, o grupo de pesquisadores foi almoçar no restaurante do SESC, cujos valores cobrados variavam de acordo com determinadas categorias de usuários. Eu não sou associado à instituição, portanto, paguei o valor mais caro (em torno de R\$20 o quilo da comida). O local não estava cheio, fato que nos proporcionou fazer a refeição com tranquilidade. Em seguida, Regiane procurou o contato de um representante da ocupação “Copa do Povo”, que se disponibilizou a buscar os participantes da expedição etnográfica. Enquanto o transporte não chegava, todos resolveram subir a pé a ladeira que dava acesso à saída.
- 19 Alguns minutos após uma lenta caminhada, finalmente chegou Rodrigo, que nos levaria à ocupação. Entramos em uma espécie de furgão pela porta traseira. Os pesquisadores se acomodaram da melhor forma e não se incomodaram com o pouco espaço disponível. O trajeto entre o SESC e a ocupação foi bem curto. Funk ostentação deu o tom musical a essa carona recebida. O professor Magnani aproveitou a ocasião para dar alguns informes aos

seus alunos da pós-graduação. Regiane não pôde nos acompanhar nessa etapa da expedição, pois teve que ficar no SESC em virtude de seus compromissos profissionais.

## Seguindo as *trilhas* da ocupação “Copa do Povo”

- 20 O furgão chegou à ocupação “Copa do Povo” por volta das 14 horas. Ele foi estacionado em uma espécie de pátio principal, onde aconteciam as reuniões e onde havia uma quadra de futebol improvisada. Todos os pesquisadores entraram em um barraco para conhecer algumas lideranças locais. Fomos muito bem recebidos por Serginho e Zezito, que relataram o histórico da ocupação e das ações do MTST em bairros periféricos. Após os relatos abriu-se um espaço para perguntas. Foram feitos vários questionamentos sobre o cotidiano da ocupação, da relação com a vizinhança, das articulações políticas, do impacto da Copa do Mundo na região, dentre outros aspectos. As lideranças adotaram um tom político moderado em relação ao megaevento, e diziam não ser contra o mesmo, mas apenas críticos à forma como os investimentos estavam sendo feitos.
- 21 Os pesquisadores saíram do barraco e foram para a quadra. Diversas crianças jogavam bola, ao passo que alguns adultos as observavam. Bruno, um jovem morador com participação ativa nos rumos políticos da ocupação, colocou-se à disposição para nos mostrar todo o local. Guiados por aquele que conhece todas as *trilhas* – forma como os caminhos entre as barracas são chamados – iniciamos uma caminhada com a intenção de melhor entender as apropriações de um espaço que até então estava sendo vítima da especulação imobiliária.
- 22 Conforme caminhávamos, Bruno revelava detalhes sobre a disposição das barracas no interior da ocupação. Segundo ele, cada uma é identificada com um número, e, em conjunto, formam um determinado grupo. A ocupação possui oito grupos, que se dividem por todo o espaço apropriado. Cada qual conta com uma cozinha e um espaço de sociabilidade, onde são promovidos encontros entre os moradores e onde também são discutidos assuntos pertinentes ao cotidiano da moradia. Antes de levar os pesquisadores aos demais espaços, Bruno disse que precisava passar em sua “mansão”: uma pequena barraca de lona, com um colchão e poucos apetrechos. Em seguida paramos na cozinha do G1 (primeiro grupo) e lá conhecemos Dona Brasília, uma simpática senhora que demonstrava sua fé em Deus para conseguir uma residência. Ela falou do funcionamento da cozinha comunitária, dos horários das refeições, de como os mantimentos são obtidos etc. E também nos levou ao seu “apartamento”, forma como ela se referiu à sua barraca, cujo espaço era mais aconchegante se comparado aos demais.
- 23 Bruno relatou que a participação na ocupação pressupõe o ingresso em atividades em prol da coletividade. Ele, por exemplo, atua como segurança no período noturno. Essa função lhe exige transitar por várias *trilhas* para verificar se não há nada de errado com as barracas. É preciso apaziguar conflitos e ficar atento com certas ocorrências (como velas ou fogueiras que, se esquecidas acesas, podem causar um incêndio). A ocupação ainda não possui eletricidade e rede de esgoto e, malgrado essas precariedades, os moradores tentam usar a criatividade para tornar o habitar menos penoso. Caminhar pelas *trilhas* estreitas pode parecer confuso, mas, ao atentar para pequenos sinais, é possível notar que os moradores utilizam referências que facilitam as suas respectivas localizações. Há bandeiras (não só do MTST, mas do Corinthians e do Brasil, por exemplo), garrafas pet, e outros acessórios pendurados em barracas. Creio que esses objetos podem auxiliar

aqueles que ainda estão se acostumando com a vivência em tal contexto, diminuindo o risco de ficarem perdidos.

- 24 Após conhecer a cozinha do G1, fomos para a do G2, G5, G6 e G8 respectivamente. A maioria delas possui uma infraestrutura melhor que a das barracas, pois são feitas de madeiras (e não lona) e algumas possuem telhados de amianto. As cozinhas configuram centralidades em uma ocupação que, a princípio, aparenta ser caótica e desordenada. Embora cada uma corresponda a um grupo (o que pressupõe a distribuição de um número limitado de refeições), as pessoas circulam por entre elas, onde é possível ficar a par das “fofocas” e dos demais acontecimentos da “Copa do Povo”. Com efeito, essas cozinhas são espaços que possibilitam a manutenção de vínculos com base na localização da barraca, ao passo que também contribuem para a ampliação de redes de relações ao permitir o encontro entre pessoas provenientes de outros grupos. Isso revela, pois, um importante aspecto da dinâmica relacional do lugar visitado.
- 25 Na cozinha do G5 fazia muito calor, visto que o teto ainda era de lona. A cozinheira deste espaço estava no local havia quase um mês. Ela dormia na própria cozinha, em um colchão fino debaixo da mesa. Já a cozinha do G6 me chamou a atenção por se situar em um espaço arborizado, com bancos de madeira ao redor, incluindo ainda uma área para fumantes. Também percebi que os banheiros são improvisados, com sanitários masculinos e femininos. Finalizamos o trajeto no interior da ocupação na cozinha do G8. Bruno conhecia praticamente todos os habitantes e sempre era muito cordial com todos. Na área externa da última cozinha visitada – um amplo espaço cuja vista permitia ver boa parte de toda a ocupação – acontecia um churrasco promovido por vários jovens. Todos foram simpáticos conosco, inclusive, nos ofereceram carnes e bebidas. Enquanto acontecia o churrasco, alguns artistas faziam grafites com frases que questionavam a realização da Copa do Mundo.
- 26 Após um tempo nesse local (onde havia crianças, jovens e adultos), retornamos por um sinuoso caminho até o espaço central da ocupação. O prof. Magnani e todos os pesquisadores se despediram de Bruno e agradeceram-lhe pela recepção, pela atenção e pelo apoio nessa caminhada proveitosa que revelou o cotidiano daqueles que lutam por melhores condições de moradia. Saímos da ocupação e fomos para o ponto de ônibus mais próximo. O trajeto até o metrô Corinthians-Itaquera demorou em torno de 20 minutos. Ao chegar a tal local, o grupo de pesquisadores se dispersou. A expedição etnográfica terminou por volta de 16h30min.

## Considerações finais

- 27 A expedição etnográfica percorreu três lugares da região de Itaquera: o estádio Itaquerão, o SESC Itaquera e a ocupação “Copa do Povo”. Apesar das diferenças evidentes entre os mesmos, o futebol e a realização da Copa do Mundo trouxeram questões que perpassam os discursos e a atuação de cada um. O estádio Itaquerão estava sob comando da FIFA, logo, todo o seu entorno seguia regras provisórias que estavam sujeitas aos interesses da confederação de futebol, a qual se tornou motivo de polêmica e protestos em nosso país em virtude de seu posicionamento que não levava em conta os anseios populares. Já o SESC Itaquera, importante equipamento de lazer frequentado por muitos moradores da Zona Leste, elaborou toda a sua programação de modo a contemplar a realização do megaevento futebolístico. O foco da instituição, conforme evidenciado no caderno “SESC na Copa”, era “entender a Copa do Mundo no Brasil como um momento propício para

refletir sobre o futebol, e valorizar os aspectos culturais nele presentes, como possibilidade de desenvolvimento de pessoas e comunidades”. Por fim, a Ocupação “Copa do Povo” colocou em xeque os legados que o maior espetáculo do mundo estava promovendo em nosso país. Ao deslocar a proeminência da FIFA para o povo, o MTST adquiriu visibilidade por se apropriar de um terreno em uma região agora mais valorizada (Itaquera) e por tocar em questões que o próprio universo futebolístico impõe para além dos gramados, como, por exemplo, o direito à cidade e à moradia.

- 28 A experiência coletiva de trabalho de campo foi muito produtiva pois promoveu múltiplos olhares para lugares e situações presenciadas simultaneamente por um corpo de quase vinte pesquisadores. Embora a rápida permanência em tais contextos, é válido esse esforço conjunto de troca de impressões, ainda que levando em conta os interesses pessoais e de pesquisa de cada um dos presentes. Por fim, a Copa do Mundo proporcionou um frutífero debate político em torno das apropriações da cidade que deve ser encarado com rigor por nós, antropólogos urbanos. Prestemos atenção, pois, nesses embates, articulações e mediações que se dão entre as várias frentes envolvidas com a realização da Copa do Mundo.

---

## AUTOR

**GIANCARLO MARQUES CARRARO MACHADO**

Doutorando em Antropologia Social / USP. Pesquisador do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU).  
gmachado@usp.br